



Revista da Escola de Enfermagem da USP
ISSN: 0080-6234
reeusp@usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

de Azevedo Guido, Laura; da Costa Linch, Graciele Fernanda; de Oliveira Pitthan, Luiza; Umann, Julianne

Estresse, coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares

Revista da Escola de Enfermagem da USP, vol. 45, núm. 6, diciembre-enero, 2011, pp. 1434-1439
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361033332022>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Estresse, coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares

STRESS, COPING AND HEALTH CONDITIONS OF HOSPITAL NURSES

ESTRÉS, COPING Y ESTADO DE SALUD ENTRE ENFERMEROS DE HOSPITAL

**Laura de Azevedo Guido¹, Graciele Fernanda da Costa Linch², Luiza de Oliveira Pitthan³,
Juliane Umann⁴**

RESUMO

Estudo quantitativo com o objetivo de identificar estressores, nível de estresse dos enfermeiros, estado geral de saúde e formas de enfrentamento utilizadas pelos enfermeiros no ambiente de trabalho. Os dados foram coletados utilizando-se três instrumentos: formulário para levantamento de atividades diárias; inventário de estratégias de coping; inventário sobre o estado geral de saúde. A população deste estudo foi composta de 143 enfermeiros e a maioria encontra-se com baixo nível de estresse (55,25%) e com estado regular de saúde (50,35%). Em relação às formas de enfrentamento, identificou-se resolução de problemas como o fator de maior média. Concluindo, ações educativas devem ser incentivadas, a fim de disponibilizar ferramentas para que o profissional desenvolva estratégias de coping resolutivas em seu dia a dia, minimizando o efeito do estresse no seu estado de saúde e no seu trabalho.

ABSTRACT

The objective of this quantitative study was to identify stressing factors, level of stress in nurses, overall health conditions, and coping strategies used by nurses in the working environment. Data collection was performed using three instruments: a survey for daily activities, an inventory of coping strategies, and an inventory for overall health conditions. The population of this study was composed by 143 nurses, most of them with a low level of stress (55,25%) and with a regular health condition (50,35%). Regarding coping forms, problem solving was the factor of highest average. In conclusion, educational actions must be encouraged with an aim to offer tools for professionals to develop coping strategies in their everyday activities, thus minimizing the effect of stress on their health conditions and at work.

RESUMEN

Estudio cuantitativo que objetivó identificar estresores, nivel de estrés de los enfermeros, estado general de salud y formas de afrontamiento utilizadas por los enfermeros en el ámbito laboral. Los datos se recogieron mediante tres instrumentos: formulario de averiguación de actividades diarias, inventario de estrategias de coping, inventario sobre el estado general de salud. La población del estudio se compuso de 143 enfermeros, la mayoría de ellos con bajo nivel de estrés (55,25%) y con estado regular de salud (50,35%). En relación a las formas de afrontamiento, se identificó a la resolución de problemas como el factor de media mayor. Concluyendo, deben incentivarse acciones educativas, a efectos de disponibilizar herramientas para que el profesional desarrolle estrategias de coping resolutivas en su cotidiano, minimizando el efecto del estrés en su estado de salud y en su trabajo.

DESCRITORES

Enfermagem
Estresse
Esgotamento profissional
Adaptação psicológica
Saúde do trabalhador

DESCRIPTORS

Nursing
Stress
Burnout, professional
Adaptation, psychological
Occupational health

DESCRITORES

Enfermería
Estrés
Agotamiento profesional
Adaptación psicológica
Salud laboral

¹ Enfermeira. Doutora de Enfermagem. Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. Coordenadora Substituta do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Santa Maria, RS, Brasil. lauraazevedoguido@gmail.com ² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. Porto Alegre, RS, Brasil. gracielelinch@gmail.com ³ Mestre em Enfermagem. Enfermeira do Hospital Universitário de Santa Maria. Santa Maria, SC, Brasil. luizapitthan@gmail.com ⁴ Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES. Santa Maria, RS, Brasil. juumann@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em face aos avanços da modernidade, as inovações organizacionais, técnicas e tecnológicas, associadas ao aumento progressivo e significativo do estresse ocupacional têm exigido das pessoas constante adaptação, maior consciência e grande habilidade para enfrentar evoluções e administrar o estresse. Essa dinâmica, associada à vivência de cada ser humano, conduz à construção de novos conceitos; surge então a necessidade de aprendizado de novas formas de enfrentar a vida, concepções teórico-filosóficas, perspectivas de ação e desenvolvimento da consciência para as transformações necessárias à melhor qualidade de vida⁽¹⁾.

Neste sentido, na tentativa de minimizar o estresse, o indivíduo utiliza estratégias de *coping*, definidas como esforços cognitivos e comportamentais para dominar, tolerar ou reduzir demandas⁽²⁾. A forma com que o indivíduo utiliza as estratégias de *coping* está determinada, em parte, por seus recursos internos e externos, os quais incluem saúde, crenças, responsabilidade, suporte, habilidades sociais e recursos materiais⁽²⁾.

Sabe-se que o estresse no modo de vida atual tornou-se importante e é reconhecido como um dos riscos ao bem-estar psicosocial do indivíduo, relacionado, por vezes, a alterações no estado de saúde. E, ainda, pode colocar em risco a saúde dos membros da organização e pode ter como consequências no desempenho do profissional baixa moral, alta rotatividade, absenteísmo e violência no local de trabalho⁽³⁾.

Deste modo, a identificação dos estressores no trabalho corresponde a um agente de mudança, uma vez que desenvolvidas as possíveis estratégias para minimizar seus efeitos, estas podem tornar o cotidiano do enfermeiro mais produtivo, menos desgastante e, possivelmente, valorizá-lo mais como ser humano e como profissional⁽¹⁾.

Com isso, pode-se afirmar que estudar o estresse dos enfermeiros no ambiente hospitalar permite uma melhor compreensão das suas causas, o que contribui para elucidar questões cotidianas, frequentemente enfrentadas por esses profissionais. Há, portanto, a necessidade de aprofundar conhecimentos, para que haja uma ação mais condizente com as transformações que têm ocorrido neste espaço de trabalho.

Dessa maneira, este estudo tem como objetivo conhecer as situações que os enfermeiros identificam como estressores comuns à atuação em ambiente hospitalar, assim como identificar o estado geral de saúde e as formas de enfrentamento utilizadas pelos enfermeiros no ambiente de trabalho.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, desenvolvido em um Hospital Universitário do Sul do Brasil, instituição pública considerada referência regional em saúde no âmbito médico e hospitalar, com aproximadamente 300 leitos. A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2006, sendo que a população do estudo foi composta por todos os enfermeiros, independente de cargo ou função desempenhada, que concordaram em participar da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos, os quais foram escolhidos visando atender os objetivos propostos pelo estudo, que são:

- *Formulário para levantamento de atividades diárias*⁽⁴⁾ — apresenta-se dividido em duas partes: na primeira, busca-se uma caracterização do perfil dos enfermeiros; a segunda é composta por 51 itens referentes a atividades diárias do enfermeiro (possíveis estressores). Cada item foi assinalado com a seguinte classificação: zero, para atividades não realizadas; um, como pouco estressante; quatro, como nível médio e sete, como altamente estressante, sendo que os níveis obtidos foram classificados em baixo (até 3), médio (de 3,1 a 4) e alerta (acima de 6).

...estudar o estresse dos enfermeiros no ambiente hospitalar permite uma melhor compreensão das suas causas, o que contribui para elucidar questões cotidianas, frequentemente enfrentadas por esses profissionais.

Os escores de estresse foram determinados em seis áreas: relacionamento inter-pessoal (área A); funcionamento da unidade (área B); administração de pessoal (área C); assistência de enfermagem (área D); coordenação da unidade (área E) e condições de trabalho (área F).

- *Inventário de estratégias de coping*⁽⁵⁻⁶⁾ — corresponde a um questionário composto por 66 itens, que englobam pensamentos e ações utilizadas para lidar com demandas internas ou externas de determinado evento estressante, centralizando-se no uso de estratégias de *coping*. Cada item do instrumento oferece quatro opções de resposta, das quais o zero corresponde ao *não-uso da estratégia*, o número um a *usei um pouco*, o número dois a *usei bastante*, e o número três a *usei em grande quantidade*.

Foram respeitados os oito fatores classificatórios propostos pelos autores do instrumento, que são: confronto (Fator 1); afastamento (Fator 2); autocontrole (Fator 3); suporte social (Fator 4); aceitação de responsabilidades (Fator 5); fuga-esquiva (Fator 6); resolução de problemas (Fator 7); reavaliação positiva (Fator 8).

- *Inventário sobre o estado geral de saúde*⁽⁷⁾ — composto por 48 itens, visa caracterizar possíveis alterações no estado de saúde física que ocorreram após o início do período de trabalho no ambiente hospitalar. É constituído

por 27 sinais e sintomas que foram assinalados de acordo com a frequência de sua ocorrência, sendo um para *não percebi*; dois *tenho às vezes*; três *tenho frequente* e quatro *tenho sempre*. Para avaliar o estado de saúde de cada enfermeiro, foi realizado o somatório sendo considerado bom (até 43), regular (44 a 87) e ruim (88 a 130).

Os dados foram organizados e armazenados em uma planilha eletrônica no programa Excel e, posteriormente, analisados eletronicamente com o auxílio do programa *Statistical Analysis System* (versão 8,02). Para a análise dos resultados, usou-se a distribuição de frequências, com números absolutos e percentuais para a caracterização da população estudada. Para a correlação entre variáveis de interesse e os dados obtidos com os instrumentos de pesquisa foi utilizado o Coeficiente de Correlação de *Spearman*. Os resultados foram verificados estatisticamente como significativos ou não, estabelecendo-se o nível de significância de 5%.

A pesquisa foi desenvolvida junto ao grupo de pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem na linha *Stress, Coping e Burnout* e atendeu aos aspectos éticos e legais, obtendo aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da instituição sob protocolo número 130/2004.

RESULTADOS

A população deste estudo foi composta por 143 enfermeiros, perfazendo 89,93% do total de enfermeiros atuantes na instituição no momento da coleta. A maioria foi composta por mulheres (91,61%), com idade predominante entre 41 a 50 anos (46,85%), da mesma forma que se observou um percentual de 68,53% de entrevistados casados.

No que se refere ao tempo de formado, observou-se um percentual de 32,87% da população distribuídos equitativamente em três faixas, de um a 10 anos, de 11 a 20 anos e de 21 a 30 anos de formado. Verificou-se que 52,45% dos enfermeiros estavam situados na faixa de um a 10 anos de tempo de serviço no referido hospital.

Em relação ao tempo de serviço na atual unidade, verificou-se que 71,33% encontraram-se na faixa de um a 10 anos de trabalho, seguindo-se de 19,58% dos enfermeiros, com um período de 11 a 20 anos de atuação na atual unidade de serviço.

A maioria dos enfermeiros (62,24%) recebeu treinamento para trabalhar no hospital, assim como 72,73% optaram pela unidade de trabalho. Verificou-se que 54,55% dos enfermeiros trabalhavam no diurno, com uma carga horária semanal de 36 horas para 46,15%.

Os dados permitiram identificar que 72,73% dos enfermeiros possuíam curso de pós-graduação. No que se refere a outro emprego, observou-se que 64,34% não possuíam. E quanto à participação em sociedades de

classe, 58,74% não mantinham vínculo com nenhuma sociedade.

A maior parte dos enfermeiros (55,25%) encontra-se com baixo nível de estresse, seguido de 34,26% com médio nível de estresse e 10,49% em alerta para o estresse vivido no trabalho. Salienta-se que nenhum dos enfermeiros foi classificado com alto nível de estresse.

Em relação às áreas, pode-se evidenciar que a Área C (administração de pessoal) apresenta maior média – 3,697 ($\pm 1,492$), portanto a de maior estresse para população estudada, sendo a Área D (assistência de enfermagem) de menor estresse, com média igual a 1,488 ($\pm 0,653$).

Na Tabela 1, apresentam-se os itens de maior e menor estresse identificados pelos enfermeiros na diferentes áreas de estresse.

Tabela 1 – Identificação dos itens de maior e menor estresse dos enfermeiros por área de estresse – Santa Maria, RS – 2006

Área de estresse	Item de maior estresse	Item de menor estresse
Área A	Relacionamento com serviço de manutenção.	Relacionamento com CME.
Área B	Solicitação de revisão/concerto de equipamentos.	Reposição de materiais.
Área C	Controlar a equipe de enfermagem.	Realizar treinamento.
Área D	Enfrentar a morte do paciente.	Prescrever cuidados de enfermagem.
Área E	Controlar a qualidade do cuidado.	Elaborar relatório mensal da unidade.
Área F	Realizar tarefas com tempo mínimo disponível.	Participar em reuniões do departamento de enfermagem.

Na Tabela 2, são apresentadas as medidas descritivas para os fatores de coping. Evidencia-se que a resolução de problemas (fator de coping 7) corresponde ao de maior média e, ainda, é possível visualizar que o menos utilizado, ou seja, com menor média, é o fator confronto (fator 1).

Tabela 2 – Medidas descritivas da variável coping por fator – Santa Maria, RS – 2006

Fator de Coping	Média	Mediana	Desvio padrão
1	0,860	0,833	0,485
2	0,972	1,000	0,381
3	1,384	1,400	0,455
4	1,687	1,666	0,513
5	1,574	1,571	0,515
6	1,184	1,000	0,791
7	1,808	1,750	0,595
8	1,610	1,666	0,534

Os dados referentes ao estado geral de saúde dos sujeitos estudados são apresentados na Tabela 3. Pode-se

constatar que a maioria (50,35%) dos enfermeiros encontra-se com regular estado de saúde.

Tabela 3 – Distribuição do EGS dos enfermeiros por nível, frequência e percentual – Santa Maria, RS – 2006

Nível de Estado de saúde	N	%
0 – 43 Bom	70	48,95
44 – 87 Regular	72	50,35
88 – 130 Ruim	1	0,70
Total	143	100

A partir da organização dos dados, realizou-se um estudo das correlações entre estresse total dos enfermeiros, fator total de *coping* e o estado geral de saúde de cada enfermeiro.

Na análise da correlação entre estresse e estado de saúde, identificou-se correlação positiva fraca ($r=0,30$; $p<0,05$). No entanto, não houve correlação significativa entre estresse e *coping* ($p>0,05$). Quanto ao estado de saúde e *coping*, houve correlação positiva significativa ($r=0,40$; $p<0,05$).

DISCUSSÃO

O predomínio de profissionais do sexo feminino e com idade inferior a 40 anos corresponde ao perfil esperado e é muito semelhante a achados de outros estudos^(1,8). Apesar de a mulher ter conseguido maior espaço na sociedade, em grande parte dos lares brasileiros as mulheres ainda vivenciam a chamada dupla jornada de trabalho: isto é, trabalham fora de casa e são as responsáveis pelo bom andamento do lar. Sabe-se que a Enfermagem é uma profissão composta em grande parte por mulheres e, por isso, é bastante comum que, além de conviverem com a dinâmica das organizações no desenvolvimento de suas atividades, precisam gerenciar também seu papel de mãe e esposa⁽⁹⁾.

Quanto ao fato de os enfermeiros estarem trabalhando no hospital na atual unidade há um longo período, este pode ser um dos motivos para que os enfermeiros tenham apresentado, em sua maioria, um baixo nível de estresse. Entende-se que quanto maior o tempo de trabalho, menor o estresse, devido ao enfermeiro apresentar maior segurança técnica e controle sobre as situações que surgem em seu cotidiano de trabalho, de tal forma que estas não se configuraram como estressantes⁽⁸⁾. Do mesmo modo, o tempo oferece subsídios para adequação e melhor avaliação da atividade profissional, mediando o impacto negativo do estresse no trabalho⁽¹⁰⁾.

Em relação à pós-graduação, é evidente que os enfermeiros pesquisados demonstram preocupação com o aprimoramento profissional, sendo essa uma característica que está sendo observada e relacionada ao estresse. Em um estudo que comparou a presença de pós-graduação e o nível de estresse dos enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva - UTI⁽⁸⁾, identificou-se que os enfermeiros pós-graduados apresentaram índice eleva-

do de estresse. No entanto, outros estudos afirmam que a pós-graduação aumenta a autoestima e contribui para melhorar o desempenho e consequentemente, oferece maior segurança ao enfermeiro para o enfrentamento dos estressores no trabalho^(1,10).

Neste estudo, os enfermeiros, em sua maioria, apresentaram-se com baixo nível de estresse, dado que difere de outros estudos^(8,11-12), o que pode estar diretamente relacionado às características da população estudada, tais como a opção pela unidade de trabalho, a realização de pós-graduação, não manter outro vínculo empregatício e, ainda, estratégias de *coping* resolutivas. Estudo anterior demonstrou que 70,84% dos enfermeiros que mantém dupla jornada de trabalho apresentaram estresse⁽¹²⁾.

Contudo, dentre as áreas investigadas, a área C (administração de pessoal) apresentou maior média, portanto, maior estresse para população estudada. Ser responsável por pessoas, como no caso dos enfermeiros, demanda maior tempo de trabalho e atenção dedicada à interação, o que aumenta a probabilidade de ocorrência do estresse por conflitos interpessoais. Deste modo, o trabalho dos enfermeiros torna-se complexo e envolve uma grande tensão emocional, desgaste físico e psíquico, dependente da qualidade das relações humanas, fatos que contribuem para o desencadeamento do processo de estresse⁽¹⁾.

Uma pesquisa entre enfermeiros envolvidos nas questões gerenciais demonstrou que esses profissionais apresentaram seis vezes mais chances de apresentar altos níveis de estresse quando comparados a outros enfermeiros que não atuavam nessa área⁽¹³⁾.

Quanto às estratégias de *coping* utilizadas, o fator 7 é o que demonstra maior uso de estratégias voltadas ao problema, dado que nos permite pensar que o enfrentamento dos estressores pelos enfermeiros desse estudo acontece de modo resolutivo. Assim, na utilização desta estratégia (resolução de problemas), é necessário definir o problema, enumerar as alternativas, comparando-as em relação aos resultados desejados, selecionar e implementar um plano de ação apropriado⁽⁵⁾. Nesse sentido, acredita-se que a população estudada utiliza estratégias de maneira efetiva que repercutem em um baixo nível de estresse. No entanto, quando analisada a correlação dessas variáveis (estresse e *coping*), não se verificou diferença estatística significativa.

De modo semelhante, estudo que investigou as estratégias de *coping* em enfermeiros evidenciou que estes profissionais sugeriram como estratégias resolutivas atividades relacionadas ao planejamento do trabalho, redistribuição do agendamento de pacientes, distribuição de serviços e dimensionamento de pessoal, elaboração de programas participativos e de avaliação de qualidade de assistência, por meio de protocolos, redução do número de reuniões e reorganização do trabalho⁽¹⁴⁾.

Estudos divergem quanto ao predomínio de estratégias focadas no problema ou na emoção^(3,15). Esse dado

confirma que não existe *coping* efetivo ou não, pois a escolha pelas diferentes estratégias depende do indivíduo, os quais podem agir de modo diverso diante de um mesmo estressor. Dessa maneira, torna-se fundamental respeitar as características de cada profissional.

Quanto ao estado geral de saúde dos enfermeiros, verificou-se um número expressivo de profissionais que se encontram em estado regular. Estes dados corroboram com estudo realizado entre enfermeiros de terapia intensiva, o qual avaliou o estado de saúde destes profissionais, e encontrou baixos escores, resultado que reflete avaliações positivas realizadas pelos enfermeiros sob seu estado de saúde⁽¹⁵⁾.

Contudo, nesse estudo, observou-se correlação positiva entre o estado de saúde dos enfermeiros com o estresse e *coping*. Dessa maneira, o fato dos sujeitos pesquisados apresentarem estado de saúde regular está diretamente relacionado com o baixo nível de estresse e a utilização de estratégias de *coping* focadas no problema, o que se entende como positivo no enfrentamento do processo de estresse no trabalho.

CONCLUSÃO

A população do estudo constituiu-se principalmente por mulheres (91,61%), com tempo de serviço entre um e dez anos (52,45%) e que possuíam curso de pós-graduação (72,73%). No que se refere a outro emprego, observou-se que 64,34% não o possuíam.

Neste estudo, identificou-se que os enfermeiros apresentaram baixo nível de estresse, sendo que a administração de pessoal (área C) é a que apresenta maior média ($3,69 \pm 1,49$), portanto a de maior estresse para população estudada.

Evidenciou-se que 50,35% dos enfermeiros encontram-se com regular estado de saúde e apresentam frequentemente irritabilidade e dores de cabeça.

Quanto as estratégias de *coping* utilizadas pelos enfermeiros, identificou-se que a resolução de problemas (fator de *coping* 7) corresponde ao de maior média $1,80 (\pm 0,59)$.

A partir da organização dos dados, realizou-se um estudo das correlações entre estresse total dos enfermeiros, fator total de *coping* e o estado geral de saúde de cada enfermeiro. Identificou-se correlação positiva fraca entre estresse e estado de saúde ($r=0,30$; $p<0,05$), assim como entre estado de saúde e *coping* ($r=0,40$; $p<0,05$). No entanto, não houve correlação significativa entre estresse e *coping*.

Os resultados deste estudo podem servir de incentivo para a implementação de programas de assistência à saúde do trabalhador, com o intuito de minimizar os efeitos do estresse no estado de saúde dos enfermeiros a partir da identificação de sinais e sintomas.

Do mesmo modo, ações educativas devem ser incentivadas, a fim de disponibilizar ferramentas para que o profissional desenvolva estratégias de *coping* resolutivas em seu dia-a-dia, minimizando o efeito do estresse na sua saúde e no seu trabalho.

Contudo, os resultados podem ter implicações práticas à medida que auxilia a instituição investigada em uma melhor compreensão destas questões e aponta indicadores em relação ao trabalho, o que pode resultar em elaboração e implementação de ações diretas para melhorar o estado de saúde dos profissionais. Possíveis ações para minimizar o efeito do estresse podem tornar o trabalho do enfermeiro mais produtivo e satisfatório, garantindo segurança ao profissional e aos pacientes assistidos.

REFERÊNCIAS

1. Guido LA. Stress e coping entre enfermeiros de Centro Cirúrgico e Recuperação Anestésica. [tese doutorado]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2003.
2. Schmidt DRC, Dantas RAS, Marziale MHP, Laus AM. Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. Texto Contexto Enferm. 2009;18(2):330-7.
3. Rodrigues AB, Chaves EC. Fatores estressantes e estratégias de coping dos enfermeiros atuantes em oncologia. Rev Latino Am Enferm. 2008;16(1):1-5.
4. Bianchi ERF. Stress entre enfermeiros hospitalares [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1999.
5. Lazarus RS, Folkman S. Stress, appraisal, and coping. New York: Springer; 1984.
6. Savóia MG, Santana PR, Mejias NP. Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. Psicol USP. 1996;7(1-2):183-201.
7. Chaves EC. Stress e trabalho do enfermeiro: a influência de características individuais no ajustamento e tolerância ao turno noturno [tese doutorado]. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 1994.
8. Guerrer FJL, Bianchi ERF. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidades de Terapia Intensiva. Rev Esc Enferm USP. 2008;42(2):355-62.
9. Spindola T, Santos RS. Mulher e trabalho: a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem. Rev Latino Am Enferm. 2003;11(5):593-600.
10. Cavalheiro AM, Moura Junior DF, Lopes AC. Estresse de enfermeiros com atuação em Unidades de Terapia Intensiva. Rev Latino Am Enferm. 2008;16(1):1-8.

11. Batista KM, Bianchi ERF. Estresse do enfermeiro em Unidade de Emergência. *Rev Latino Am Enferm.* 2006;14(4):534-9.
12. Pafaro RC, Martino NMF. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um Hospital de Oncologia Pediátrica de Campinas. *Rev Esc Enferm USP.* 2004; 38(2):152-60.
13. Lindholm M. Working conditions, psychosocial resources and work stress in nurses and physicians in chief managers' positions. *J Nurs Manage.* 2006;14(2):300-9.
14. Martins LMM, Bronzatti JAG, Vieira CSCA, Parra SHB, Boaventura Y. Agentes estressores no trabalho e sugestões para amenizá-los: opiniões de enfermeiros de pós-graduação. *Rev Esc Enferm USP.* 2000;34(1):52-8.
15. Britto ESB, Carvalho AMP. Stress, coping (enfrentamento) e saúde geral dos enfermeiros
16. que atuam em Unidades de Terapia Intensiva e problemas renais. *Enferm Global.* 2004;4(1):1-14.

Agradecemos à Agência de Fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo apoio e financiamento da pesquisa e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria pela concessão de auxílio pelo Programa Especial de Incentivo às Publicações Internacionais – Pró-Publicações Internacionais.